

PLÁGIO ACADÊMICO: INCAPACIDADE DE AUTORIA OU AUSÊNCIA DE ÉTICA?

Willams dos Santos Rodrigues LIMA¹
Maria Amábia Viana GOMES²

RESUMO

O referido artigo apresenta uma reflexão sobre a prática do plágio no meio acadêmico. Discute, ainda, como essa ação tem prejudicado o processo de aprendizagem de muitos estudantes, nos diversos níveis de escolaridade. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo discutir os ranços da educação tradicional presente nos trabalhos escolares, denominados de “pesquisa” e ausência de fomento à leitura e à escrita desde a educação básica. Discute-se, também, a falta de ética nas pesquisas acadêmicas e suas consequências na vida acadêmica e profissional. O plágio é considerado como crime em diversas instituições educacionais e profissionais, o que acaba por significar que quem comete essa prática, ilegal, indica a falta de capacidade do autor. Cabe a cada estudante buscar ser o próprio autor de suas pesquisas, sem a necessidade de se apossar das palavras alheias.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Plágio; Docência; Pesquisas acadêmicas.

INICIANDO A DISCUSSÃO

O plágio acadêmico, seja na educação na modalidade presencial ou a distância, tem sido alvo de inquietações no trabalho docente. É constante presenciar os profissionais discutirem sobre o assunto e abordarem as dificuldades em lidar com os diversos desafios de um trabalho plagiado por vários motivos: devido a apresentação de trabalho realizado pelo/a acadêmico/a, copiado, colado de forma tão coerente e organizada que dificulta o professor encontrar, na Web, os trechos que retirou do trabalho e acredita ser plagiado; trabalhos construídos com recortes de vários artigos; produção tão empobrecida de coesão e coerência, considerados uma verdadeira colcha de retalhos que qualquer leitor, ao realizar a

¹ Pedagogo, pela Universidade Federal de Alagoas. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade São Luis. Email: willams.rodriques@hotmail.com

² Pedagoga; Pós-graduada em Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental e Médio; Mestra em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas; Docente do Curso de Pedagogia de Instituição de Ensino Superior; Coordenadora Pedagógica de escola pública estadual; Professora dos cursos de Letras e Ciências Biológicas na modalidade da Educação a distância do Instituto Federal Tecnológico de Alagoas – IFAL/UAB. E-mail: amabiaviana@gmail.com

devida leitura, reconhece a ausência de logicidade e percebe que não há originalidade no texto.

Nesse sentido, “o plágio caracteriza-se como uma falsa atribuição de autoria, uma apropriação indevida de trabalho de um autor por outro indivíduo (o plagiário)” (ROMANCINI, 2007, p. 45). Em outras palavras, essa prática do plágio trata-se do uso indevido das palavras de outros autores, sem que haja a devida citação do trabalho original.

O tempo docente dedicado à busca para comprovação do plágio é grande, uma vez que muitas salas de aulas sejam presenciais ou virtuais tem um número grande de acadêmicos que, por sua vez, sobrecarrega o trabalho do professor que tem várias outras atividades a desenvolver, a ruptura da ausência de confiança, rompimento da credibilidade nas produções discentes, uma vez que o plágio tem se propagado e gerado preocupação docente, também quanto a sua exposição profissional com relação as orientações, acompanhamento e realização das produções científicas.

Inicialmente traremos para reflexão a questão sobre como ocorreu nas escolas ao longo dos anos o ato de pesquisar, de produzir trabalhos. O que e como era solicitado para os alunos os trabalhos escolares e como era acompanhado, apresentado, valorizado e socializado. Em seguida, traremos essa reflexão numa visão de educação no mundo contemporâneo.

Diante desses aspectos, para a composição deste estudo, apresentaremos autores como: Saviani (1993); Gadotti (2000); Tagata (2008); Galvão e Luvizotto (2012); Silva e Santos (2012); entre outros estudiosos, expondo discussões a respeito do plágio nos trabalhos acadêmicos; Reflexões acerca da educação no modelo tradicional de ensino, bem como as mudanças no ensino, no sistema educacional contemporâneo.

Desse modo, este estudo tem como objetivo, também discutir a ética nas pesquisas acadêmicas e as consequências da prática do plágio na vida dos sujeitos, nos diversos ambientes educacionais, seja na educação básica ou no ensino superior, bem como no meio profissional. Enfim, não pretendemos, com esta pesquisa, encerrar os estudos a respeito das reflexões sobre plágio no meio educacional, mas iniciar outras discussões, no intuito de contribuir para novas ponderações, novos estudos.

RANÇOS DA PEDAGOGIA TRADICIONAL E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Ao resgatarmos a abordagem da tendência tradicional da educação e sua influência na vida escolar dos alunos, vemos que era considerado objeto, o qual era depositado as informações transmitidas pelo educador, aquele que nesse período histórico da educação sabia tudo, só ele possuía saberes. O aluno era um indivíduo passivo, apenas ouvia a sabedoria do mestre, autoridade máxima, que cobrava a memorização e repetição dos conteúdos tal qual foi transmitido. Nesse sentido,

Entende-se por abordagem tradicional a prática educativa caracterizada pela transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo dos tempos. Essa tarefa cabe essencialmente ao professor em situações de sala de aula, agindo independentemente dos interesses dos alunos em relação aos conteúdos das disciplinas (SANTOS, 2005, p. 21).

Não cabia o aluno a pensar, refletir e argumentar, apenas receber as informações, guardar para si e registrar no momento solicitado por seu educador. Impedidos de se assumir como indivíduos, sua singularidade era desconsiderada, eram vedados seus olhos para si e para a realidade concreta. Os conteúdos eram fragmentados, esvaziados, distanciados do mundo e os alunos, eram indivíduos que repetiam e copiavam o que lhes eram imposto. Diante desses aspectos, “o ensino tradicional tem como primado o objeto, o conhecimento, e dele o aluno deve ser um simples depositário. A escola deve ser o local ideal para a transmissão desses conhecimentos que foram selecionados e elaborados por outros” (SANTOS, 2005, p. 21).

As pesquisas nas escolas, eram denominadas de trabalhos, carregadas de peso, de esforço, de labuta, de muito empenho, em que deveria ser impecável a organização e limpeza. O trabalho era corrigido pelo professor que deveria atender as ideias solicitadas, por ele e, semelhantes a do autor do livro.

Desse modo, Saviani (1993), ressalta que a teoria pedagógica tradicional,

Correspondia determinada maneira de organizar a escola. Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente (SAVIANI, 1993, p. 18).

Pelo que se pode compreender, o trabalho realizado pelos alunos era uma reprodução do que era encontrado nos livros, copiava-se tal qual o autor, nada podia ser alterado, complementado, dialogado, contestado ou argumentado com o autor. As verdades ditas por aqueles que escreviam os livros eram incontestáveis, eram absolutas, cabiam aos seus leitores alunos ler e registrar, aos mais atrevidos que buscavam compreender de forma reflexiva eram punidos de alguma forma, por estar contrapondo-se as ideias estabelecidas e ditas como certas.

A reprodução era socializada através da leitura e em algumas escolas restringia-se ao acesso do professor. A concepção que norteava essa prática, era bancária, compreendia os/as alunos/as como depósito, a realização da atividade resume-se em obrigação, o cumprimento de mais uma tarefa que deveria ser realizada a partir do que foi imposto pelo professor e este representava a ordem social e o denominado conhecimento transmitido é depositado passivamente.

Perdurou por muitos anos essa prática, seus reflexos são visíveis e suas raízes são profundas, nas quais a escola ensinou a reproduzir. Hoje, vivemos um novo momento histórico na sociedade contemporânea, há uma exigência do mundo globalizado que a escola construa nova função social, que possibilite a formação de um cidadão capaz de pensar, argumentar, reivindicar, criticar, capaz de intervir e contribuir com a transformação da sociedade.

Nessa perspectiva urge a necessidade de um novo perfil de professor e novas formas de ensinar, assim como, o aluno possui novas e diferentes características e distintas maneiras de aprender dissemelhante do paradigma de educação tradicional.

Nesse sentido, muitas escolas, bem como a academia tem a função de mostrar, aos estudantes, a importância de ensinar a pensar, a refletir sobre os fatos sociais, a criar e recriar, a buscar o sentido das coisas, enfim, a inquietar-se com tudo que é socializado e discutido em sala de aula ou fora dela.

AUSÊNCIA DE FOMENTO À LEITURA E À ESCRITA

Interessava e continua a atender aos interesses da classe dominante a ausência do fomento à leitura e a escrita. Quanto mais os indivíduos leigos, mais fácil de manipular e controlar. Se décadas atrás os indivíduos eram excluídos da escolarização por pertencer a

classe social economicamente desfavorecida, etnia, gênero, crenças religiosas e outro nível de exclusão daquele período.

Atualmente verificamos tal processo de forma diferenciada, na maioria das vezes, velada, embora a escola esteja aberta para todos, mas continua não atendendo a todos. Conforme nos afirma Gadotti, (2013, p. 4):

Quando a escola pública era para poucos, era boa só para esses poucos. Agora que é de todos, principalmente para os mais pobres, ela precisa ser apropriada para esse novo público, ela deve ser de qualidade sociocultural. Isso significa investir nas condições que possibilitam essa nova qualidade que inclui transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer. Não basta matricular os pobres na escola (inclusão). É preciso matricular com eles, também, a sua cultura, seus desejos, seus sonhos, a vontade de “ser mais” (Freire). É preciso matricular o projeto de vida desses novos alunos numa perspectiva ética, estética e ecopedagógica.

Há inúmeros desafios com relação a falta de incentivo à leitura e produção. Algumas dificuldades encontradas em muitas escolas, principalmente pública, são: falta de sala de leitura/biblioteca, material didático e paradidático limitado, ausência de formação de professor, pouco fomento a leitura das crianças e jovens, conseqüentemente poucas práticas pedagógicas inovadoras concernentes a leitura e produção.

Além da limitação ao acesso aos bens culturais da família daqueles que estão na escola pública e de seus professores. Compreendemos que todos esses aspectos citados são elementos que contribuem para exclusão do aluno, seja criança, jovem, adulto ou idoso.

Situamos, a educação básica nesse contexto, como o nascedouro para a formação de bons apreciadores da leitura, desde educação infantil a criança precisa aprender a apreciar, deleitar-se com os contos, as fábulas, as histórias que aguçam o imaginário e as levam a criar, recriar, contar e recontar.

Nesse processo o que vale muito é o prazer de ouvir as histórias, as crianças precisam sentir-se fascinada, seduzida pelo gosto de ler, os professores devem ser grandes referências, estimuladores, sedutores, precisam para isso realizar a leitura de forma mágica, incorporando os personagens, dando-lhes vida, como se o mundo imaginário do livro deslocar-se para próximo da criança e ela ficasse envolvida com a magia da fantasia dos cenários e dos personagens.

Nesse sentido, Silva e Santos 2012, destacam que:

A presença de seres e objetos fantásticos tais como: dragão, bruxa, princesa, príncipe, rei, rainha, varinhas de condão, reinos mágicos, esses elementos surreais

são adaptáveis a imaginação da criança, pois ela idealiza tudo isso na sua mente trazendo a tona sua criatividade e imaginação, dessa forma estimulando ainda mais o interesse pelos livros e pela leitura, para desvendar ainda mais como é esse „mundo encantado“, além disso, a criança vive intensamente as aventuras vividas pelos heróis e pelos vilões imaginários, e percebem ainda uma relação com o mundo real, a existência de conflitos do seu dia-a-dia, a relação com sua família, com a escola e com seus amigos, em resumo a criança, através das histórias, procura exteriorizar seus sentimentos e com isso atenuar seus conflitos, seja em casa com sua família ou na escola (SILVA; SANTOS, 2012, p. 62).

Compreendemos que nessa perspectiva a criança sente-se arrebatada pelas palavras e imagens dos livros, que funcionará como elementos que possibilitará se expressar através da expressão corporal, dos desenhos e da escrita dos seus rabiscos, das suas primeiras letras, palavras ou frases. Percebemos no convívio com a escola, que suas limitações são grandes de despertar o prazer da leitura na Educação Infantil, estendida aos demais níveis de ensino.

No Ensino Fundamental há uma urgência para que a criança leia, é uma obrigação, tudo ficou automatizado, a pouca magia que tinha, acabou, desapareceu. A diversidade de gêneros textuais que circulam o mundo, não é presente no interior da escola e se ocorre, acontece de forma superficial.

No Ensino Médio, os alunos têm a obrigatoriedade da leitura das obras de grandes escritores, como por exemplo: Graciliano Ramos, Carlos Drummond, Machado de Assis, Luís Fernando Veríssimo, Cecília Meireles, Clarice Lispector e outros. Não estamos abordando que suas leituras não sejam maravilhosas, são livros indescritíveis, que falam da vida, do amor, do sofrimento do pobre, da seca, da sociedade capitalista, da crise social, da marginalização, são autores representantes de uma geração que marcou a história da literatura.

Porém, os alunos não aprenderam a apreciar a literatura, tudo foi imposto, tinha que aprender a todo custo. E aí decorar as obras, guardá-las de forma resumida para um momento pontual, ficou mais fácil para muitos.

Dessa forma, se perdeu para alguns alunos, o sabor de ler e para outros nem despertados foram. Nessa condição à medida em que os alunos não leem, não interpretam, sentem dificuldades de produzir, até porque não foram considerados ao longo da história da educação, sujeitos da sua própria história.

A partir desses meios, os estudantes do ensino superior, também fazem parte desse público alvo. Pelo fato da obrigação em que os estudantes tinham que ter em relação a

certos aspectos no ensino fundamental e médio, isso acaba sendo levado para a universidade. Muitos discentes chegam à universidade com a visão do senso comum de que irão, apenas, reproduzir conhecimentos, sem perceberem que, ao chegar nesse ambiente educacional, ele próprio terá que construir caminhos que favoreçam a sua aprendizagem, ou seja, terão que desenvolver os conhecimentos científicos.

INCENTIVO À PRODUÇÃO E À CONSCIÊNCIA ÉTICA

A partir das nossas experiências enquanto docentes de IES, verificamos que os estudantes, quando iniciam suas atividades na faculdade, demonstram insegurança, sentem-se perdidos quanto as produções acadêmicas, há uma grande fragilidade nos aspectos relacionados a leitura e a produção, sentem-se limitados e muitos recusam-se a ler, outros não conseguem entender o que leem e poucos leem, o que pode ser reflexo da educação tradicional.

Apesar de muitos professores considerarem que todos que estão na academia estão prontos ou deveriam estar, para realização das atividades, é essencial incentivar, estimular a leitura e a produção em todas as disciplinas. Faz-se necessário, a nosso ver, ensinar, explicar, orientar aos estudantes quanto as estratégias de leituras e produções científicas.

Nesse sentido, é praticamente unânime ouvirmos os estudantes declararem que não sabem e não gostam ou, ainda, sentem muitas dificuldades para produzir. É necessário apresentar a importância dessas ações e o que resultam essas práticas para o processo de aprendizagem. É importante despertar a consciência crítica sobre o ato de ler, de pesquisar e, de que produzir é diferente de reproduzir.

Desse modo, “a pesquisa científica visa contribuir para a evolução do conhecimento humano em diversas áreas, sendo sistematicamente planejada e executada seguindo rigorosos critérios onde se processa todas as informações que foram colhidas” (GALVÃO; LUVIZOTTO, 2012, p. 1094).

É fundamental que o acadêmico compreenda que a pesquisa possibilita novas descobertas, aguça a curiosidade, move o indivíduo a querer descobrir mais e levantar hipóteses, desconstrói certezas, aponta soluções, liberta-o da consciência ingênua, transforma-o e o impulsiona a contribuir com a transformação do mundo.

O professor como mediador do processo de aprendizagem do aluno, precisa orientá-lo

na perspectiva dessas descobertas e conscientizá-lo, esse é o papel do professor, mesmo que em muitos momentos se aborreça com algumas atitudes dos discentes, com relação a leitura e produção. O professor precisa orientar, esclarecer sobre a distinção do que é pesquisar e se apoiar de conteúdos de outros autores. Com isso é fundamental, o aluno saber o que é plágio, identificá-lo e ter clareza das consequências de um trabalho plagiado, uma vez que esse tipo de atitude é tido como um ato criminoso.

Do ponto de vista de Galvão e Luvizotto (2012, p. 1094),

[...] espera-se que o sujeito, ao elaborar uma pesquisa científica considere a ética em suas buscas; que a sua pesquisa se baseie na consciência da verdade e as suas palavras tragam a íntegra dos resultados a partir de pensamentos únicos diante de um determinado problema; que seja não apenas um sujeito ao elaborar uma pesquisa, mas um sujeito moral, capaz de distinguir entre o bem e o mal e, portanto, capaz de se desviar do caminho prescrito, e capaz de decidir, de escolher e de deliberar pelo reconhecimento da fronteira entre o justo e o injusto.

Em nossas experiências de docente, tanto em ambientes presenciais ou a distância, vivenciamos práticas de trabalhos acadêmicos plagiados. Os alunos parecem não entenderem que é fácil e simples, para o professor, perceber que o trabalho não é original, pois, fica a ‘marca’ ou não, do aluno na produção. Hoje, com o auxílio das tecnologias, tem se tornado mais fácil identificar a prática do plágio. Basta colocar as frases ou textos suspeitos na internet, num site de busca, para saber se as palavras utilizadas são mesmo do autor do trabalho ou se trata de plágio.

O QUE CHAMAMOS DE MARCA?

Através do contato que o professor tem com o aluno, da relação construída no cotidiano, por meio de seu discurso, de sua forma de se expressar, de seu vocabulário, suas opiniões, seus pontos de vistas, argumentos, e atividades realizadas, vão ficando as marcas de sua singularidade, o que por sua vez, fica fácil identificar todos esses aspectos.

Há alunos que têm um bom discurso, porém não tem disposição interna de aprender, realizam plágio, buscam organizar as ideias de forma coerente e fica difícil dos professores descobrirem. Outros alunos possuem pouco discurso verbal e escrito, vocabulário paupérrimo, torna-se perceptível o trabalho plagiado, identificação fácil para o professor que conhece o aluno. Há vários tipos de alunos e diversas formas de plagiar um trabalho.

Por mais que alguns professores tentem evitar, muitas vezes não é possível, até

porque a maioria dos profissionais trabalham em várias instituições e têm uma sobrecarga de trabalho. É fundamental na relação construída entre professor e aluno, a confiança, faz-se necessário que fique claro a importância da ética, da consciência crítica, do papel que cada estudante tem e pode construir para sua vida profissional, na escola, na academia e na sociedade.

Desse modo, entende-se que

As salas de aula e as universidades são centros de reflexão crítica e de criação científica e, somados às orientações de competentes professores, podem propiciar a formação de profissionais capazes de produzir obras autênticas e inteligentes, que satisfaçam os novos paradigmas, formando recursos humanos mais críticos e capazes de atender a nova realidade social. Portanto, desde cedo, o jovem deve ser instigado à busca pela verdade, como uma questão de ética e de moral, para que os cidadãos e os profissionais, que serão lançados no mercado de trabalho, sejam pessoas comprometidas com a justiça e a verdade [...] (TAGATA, 2008, p. 122).

Nesse sentido, a ética, é fundamental para a convivência em sociedade, faz parte do caráter, da integridade moral. Não é necessário ministrar uma aula de ética, mas se for, porque não realizar? Nas ações cotidianas da sala de aula é preciso incentivar, ressaltar e ter atitudes éticas, para que essas possam ser multiplicadas e todos ou quase todos sintam-se contagiados e possam praticá-las cotidianamente, sendo algo natural, normal da conduta humana. Ressalta-se que a ética,

é utilizada para conceituar deveres e estabelecer regras de um indivíduo seja em sua vida social, em suas atividades profissionais, em seu relacionamento com clientes e demais pessoas ou até mesmo nas amizades (GALVÃO; LUVIZOTTO, 2012, p. 1095).

O que estamos presenciando e vivendo é uma crise de ausência de ética em todos os segmentos sociais. Desse modo, temos urgência e a necessidade de ensinar, principalmente através das práticas sociais, desde os pequeninos estudantes aos acadêmicos, o sentido da ética, de ter a consciência crítica, do que é certo e errado, mentira e verdade, honesto e desonesto, dos atos que burlam e atropelam pessoas e leis, de que os interesses próprios não podem colocar em jogo a vida das pessoas, seus sonhos e necessidades.

CONSIDERAÇÕES

Propomos com este estudo, provocar a reflexão docente e discente sobre um novo olhar para a produção da pesquisa científica, que seja fruto de inquietações, de

curiosidades, de hipóteses, de leituras e deleite de leituras, de escrita e reescrita principalmente na educação básica, mas, também, no ensino superior.

Por meio das nossas experiências docentes na educação básica e das leituras realizadas para a fundamentação desta pesquisa, percebemos que a prática do plágio acadêmico não é considerado um acontecimento novo, no meio educacional, uma vez que o nosso modelo tradicional de educação, facilitava aos nossos estudantes, a prática do copiar e do reescrever os textos nas atividades escolares.

Desse modo é possível inferirmos que essas práticas são levadas ao ensino superior, por conta dos hábitos tradicionais de educação, desenvolvidos, ainda, na educação básica, mais precisamente no ensino fundamental e médio. Com isso, em muitos trabalhos acadêmicos, podem ser encontradas palavras, frases e textos de outros autores, cujo os estudantes se apossam como sendo de sua própria autoria, pois se quer citam tais autores utilizados, o que pode ser considerado como a incapacidade de autoria, bem como a ausência da ética nas pesquisas e no profissionalismo dos estudantes, uma vez que essa prática pode ser levada aos espaços profissionais.

Nesse sentido, compreendemos a necessidade de na academia, (seja na educação básica ou na universidade), os alunos terem conhecimento e discernimento sobre o que é plágio e das suas consequências, assim como, serem despertados para relevância da autoria, que exige, anteriormente, conhecer o universo da leitura, para que possam imaginar, criar, recriar, (re)elaborar seu pensamento crítico, registrar seu discurso, revelar-se a partir dele, no dito e não dito, bem como experimentar verdadeiramente a autoria em suas pesquisas.

REFERÊNCIAS

GADOTTI, Moacir (2013). **Qualidade na Educação: uma nova abordagem**. Congresso de Educação Básica: qualidade na aprendizagem – Rede municipal de ensino de Florianópolis, p.4, 2013. Disponível em:
<http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf>.

GALVÃO, Agrazielle Ferreira; LUVIZOTTO, Caroline Kraus. Reflexões sobre a ética e o plágio na pesquisa científica. **COLLOQUIUM HUMANARUM**, vol. 9, n. Especial, p. 1094-1100, 2012.

ROMANCINI, Richard. A praga do plágio acadêmico. **Revista Científica FAMEC/FAAC/FMI/FABRASP**. Ano 6, n. 6, p. 44-48, 2007.

SANTOS, Roberto Vatan dos. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **INTEGRAÇÃO**, v. 11, n. 40, p. 19-31, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 27 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

SILVA, Elen Poliana; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. Experiências com contação de histórias: vivências iniciais da docência. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 3, p. 60 - 69, 2012

TAGATA, Claudia Maria. Ética na pesquisa científica - o papel do professor na construção de um cidadão ético. **Rev. Ciên. Jur. e Soc.** da Unipar. Umuarama. v. 11, n. 1, p. 115-125, 2008.